

# **Efemérides Montesclarenses: memórias de uma cidade em vários tempos**

Rejane Meireles Amaral Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar a obra Efemérides Montesclarenses, a qual é formada por dois livros com esse mesmo título, dividida entre volumes 1 e 2. Esses livros apresentam datas dos dias primeiro de janeiro a trinta e um de dezembro, e citam acontecimentos e nomes de pessoas sobre a cidade de Montes Claro/ MG, contudo, daremos ênfase aqui aos meses de janeiro a março do volume 1. Ambos os volumes abrangem do ano de 1707 a 1962 e foram publicados em 1964. A maior justificativa para desenvolvermos este artigo é querermos entender a relação direta que existe ou pode existir entre o processo histórico de escrita e a construção da memória sobre a cidade, pois o sentido de pertencimento de um povo passa pelas narrativas sobre o passado que circulam oralmente ou pela escrita. Como fonte, usaremos o livro Efemérides Montesclarenses volume 1, e, como suporte teórico e metodológico, debateremos a partir dos autores: Koselleck (2020), Nora (1993), Catroca (2015), Rodrigues (1999), Martins (2000), e os memorialistas Paula (2007) e Lívio (2007).

**Palavras-chave:** Efemérides Montesclarenses; Cidade; Memorialista.

## **Montesclarenses Ephemerides: a city's memories in several times**

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the work Montesclarenses Ephemerides, which consists of two books with the same title, divided into volumes 1 and 2. These books present dates from January 1st to December 31st, mentioning events and names of people related to the city of Montes Claros/MG. However, we will focus here on the months from January to March of volume 1. Both volumes cover the years from 1707 to 1962 and were published in 1964. The main rationale for developing this article is to understand the direct relationship that exists or may exist between the historical process of writing and the construction of memory about the city because the sense of belonging of a people goes through narratives about the past that circulate orally or through writing. As a source, we will use the book Montesclarenses Ephemerides volume 1, and, as theoretical and methodological support, we will discuss from the authors: Koselleck (2020), Nora (1993), Catroca (2015), Rodrigues (1999), Martins (2000), and the memorialists Paula (2007) and Lívio (2007).

**Keywords:** Montesclarenses Ephemerides; city; memorialist.

---

<sup>1</sup> Doutora em História – UFU, professora da graduação e do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. E-mail: rejane.meireles@gmail.com

## Introdução

A proposta deste artigo é analisar a obra Efemérides Montesclarenses, dando ênfase aos meses de janeiro a março<sup>2</sup> do volume 1, sendo que esta obra é composta por duas partes. Os livros abrangem do ano de 1707 a 1962, foram publicados em 1964 e relançados em 2007 na Coleção Sesquicentenária<sup>3</sup>. Eles foram dedicados, nas primeiras páginas da parte 1, a Hermes de Paula<sup>4</sup>, e a sua publicação ocorreu de 1 de janeiro a 30 de junho. Quanto a Efemérides Montesclarenses - parte 2, este começa em 1º de julho, sem uma prévia apresentação.

Vale ressaltar que efemérides é um estilo de obra que menciona acontecimentos variados e em anos diferentes, porém referentes ao mesmo dia. Para avançar no debate historiográfico a que nos propomos, é fundamental conhecer e levar em consideração, ainda, algumas informações sobre a vida do autor da obra aqui analisada.

Nelson Washington Vianna trata-se de um memorialista e agrimensor que viveu na região de Montes Claros por mais de 30 anos, e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Mineiro. Apuramos que ele foi um profissional que andou, conheceu e ouviu muitos “causos” dos viventes, tanto nas cidades como nos campos do Norte de Minas. Suas obras foram publicadas nas décadas de 50 e 60 do século XX, ele é autor das obras: Foiceiros e Vaqueiros (1956), Serões Montesclarenses (1962), Efemérides Montesclarenses (1964) e Chico Doido (S/D).

---

<sup>2</sup> Não há um motivo específico para discutirmos apenas esses três meses, simplesmente queríamos fazer um artigo com menos meses e mais análises para evitar muitas informações sem análises. E quanto aos três meses mencionados, por serem os iniciais, concluímos serem os mais adequados para este primeiro artigo sobre o tema.

<sup>3</sup> Essa coleção foi organizada em 2007 para compor as comemorações do sesquicentenário de elevação de Montes Claros à condição de cidade. Além dessa obra, foram relançadas mais 12 títulos de obras de memorialistas da cidade.

<sup>4</sup> Memorialista e folclorista de Montes Claros. Médico de formação e entusiasta da cultura local. Escreveu vários livros de memórias sobre a cidade, sendo que o mais conhecido é “Montes Claros, sua gente, seus costumes, sua história”.

Além das obras citadas, ele foi o mentor do desenho do brasão da cidade de Montes Claros, conforme o Art.1º da Lei n. 460<sup>5</sup>.

Além de algumas informações sobre a vida do autor, é de suma importância salientarmos o processo histórico em que as obras de Vianna foram escritas. Assim, daremos ênfase à década de 1950 em Montes Claros, uma vez que a produção, não somente de Nelson Vianna, mas de outros memorialistas que escreveram sobre Montes Claros, ocorreu nesta década. Em função disso, esse momento ficou “registrado de várias formas nas memórias sobre aquele período”<sup>6</sup>, visto nos chamados festejos do aniversário da cidade, dia 3 de julho, feriado municipal.

Nesse período, ainda, a gestão municipal de Montes Claros organizou e viveu as comemorações dos cem anos de elevação à condição de cidade. Ruas e avenidas foram abertas e inauguradas, a Praça da Matriz, localizada no centro da cidade, recebeu um calçamento moderno para a época, e muitas casas, também localizadas no centro da cidade, foram pintadas.

Todo esse alvoroço se justificava pelas comemorações, contudo elas não se restringiram a isso. A partir de então até o ano de 1960, o centro recebeu outra mudança, e esta foi mais significativa, pois vários becos foram alargados para darem lugar a ruas mais amplas e bem traçadas, essas pavimentações eram para preparar a cidade para receber os investimentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste/SUDENE. Logo, fica evidente que, no período em que Nelson Vianna escrevia suas obras, a cidade de Montes Claros sofria alterações em relação a sua infraestrutura e ampliava a produção de gêneros, fossem eles bens duráveis ou não duráveis, com a implantação de muitas fábricas e indústrias, além da ampliação do comércio local.

Tanto as comemorações como a realização dos festejos foram carregadas de significados, várias obras estruturais e estéticas foram realizadas na cidade, muitos políticos importantes estaduais e nacionais da época estiveram nas cerimônias e houve o lançamento de obras de poesias e de memórias durante os

---

<sup>5</sup> PAULA, Hermes Augusto de. Montes Claros sua História sua gente e seus costumes – parte 2 .In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007. P. 152

<sup>6</sup> Usaremos aspas, como forma de indicar ironia a certos dizeres.

eventos. Persistir na análise das obras publicadas ou lançadas neste processo histórico é significativo para entender o conceito de cidade que ainda é vivido e pensado em Montes Claros, pois, desde 1957, os discursos proferidos e as administrações públicas sempre voltam a este “marco” para afirmar o conceito de cidade, fazer obras públicas ou mesmo rememorar e fazer prospecção de futuro a partir da “cidade nascente naquele processo histórico”.

Mesmo que Efemérides Montesclarenses tenha sido publicada no ano de 1964, entendemos que essa obra ainda estava sob a influência – a qual se arrastou por anos na cidade – dos festejos narrados acima. E essas memórias construídas pelo poder público são partilhadas com satisfação pela população em geral, sem sequer serem questionadas ou mesmo sem buscar a origem delas. Assim, nessas comemorações, geralmente não se coloca em questão a história das instalações, ou mesmo a trajetória destas no local, mas apenas é rememorada a data.

Dessa forma, a maior justificativa para desenvolvermos este artigo é querermos entender a relação direta que existe ou pode existir entre tais problemas citados anteriormente e a construção da memória sobre Montes Claros enquanto cidade, pois o sentido de pertencimento de um povo passa pelas narrativas sobre o passado que circulam oralmente ou pela escrita. Por isso, propomos, como problema da pesquisa, discutir o conceito de cidade na obra Efemérides Montesclarenses – Parte I, dos meses de janeiro a março. Para além disso, propomos analisar o questionamento: De que maneira o conceito de memória foi utilizado pelo memorialista Nelson Vianna nesses três meses?

Como suporte para nos ajudar a pensar e responder tal problema de pesquisa, dialogamos com os autores: Reinart Koselleck (2020), Pierre Nora (1993), Fernando Catroca (2015), Rejane Meireles (1999), Marcos Fábio Martins (2000), e os memorialistas Hermes de Paula (2007) e Haroldo Lívio (2007). Encerrando esta breve introdução, passaremos a seguir à discussão dos conceitos da pesquisa.

### **Memória e cidade em memorialista: Por que discutir esse tema?**

A cidade de Montes Claros, hoje considerada a maior do Norte do Estado de Minas Gerais, viveu no século XX todos os problemas enfrentados pelas cidades

consideradas desenvolvidas: falta de mobilidade adequada e eficiente; inexistência de condição digna de moradia para todos; ausência de serviços de utilidade pública que de fato solucionem os problemas e o alto índice de desemprego. Muitas vezes os problemas elencados são diluídos ou propositalmente mascarados em alguns discursos de representantes políticos, ou por uma boa parte da população, no desejo de apontar a cidade como um lugar “menos hostil para se viver”. Também percebe-se a ocorrência de uma perspectiva oposta quando destacam tais problemas, avolumando-os e enfatizando-os no afã de se obter algum benefício econômico ou mesmo lucrar com o status de local de extrema miséria. A nosso ver, tais afirmativas se evidenciam ante a análise do comportamento cotidiano em espaços públicos, bem como das memórias construídas em relação a algumas instituições.

Quando nos propomos a discutir os problemas sociais existentes em uma cidade, muitas vezes focamos na atualidade sem questionar qual a origem desses problemas, ou se eles sempre existiram. Assim, a discussão costuma se dar sem voltarmos ao passado e buscarmos entender se em algum momento, de alguma forma, o que está acontecendo no presente não foi iniciado, ou se poderia ter sido evitado antes. Muitas vezes que reclamamos ou mesmo percebemos algo que não funciona bem em uma cidade, temos a sensação de que aquele “erro” começou agora, ou mesmo, de que no passado as coisas funcionavam bem, sem os problemas da atualidade. Entretanto, isso precisa ser um ponto de questionamento: Será que do passado não vem nada de ruim e se perpetua até hoje e avança em direção ao futuro?

Outro ponto fundamental é questionar como as memórias de acontecimentos ou registro sobre o passado, e no passado, interferem no presente. Para muitos, memória é um elemento “invisível, irreal, sem sentido”, mas, quando colocamos uma “lupa” mais potente para visualizar a importância e as consequências dos registros, construções palpáveis ou mesmo discursos sobre/do passado, percebemos que a(s) memória(s) tem/têm uma relevância inimaginável no presente, sendo este uma consequência direta ou indireta do passado. Logo, o presente é um resultado de memórias que, de alguma forma, sobreviveram ao passado.

Feita essa pequena introdução, vamos levantar nosso primeiro questionamento: Por que estudar esse assunto em um livro tão antigo? Sabemos que as obras de memorialistas, ou mesmo obras de historiadores, são produzidas com a finalidade de informar e, ao mesmo tempo, cumpre um papel de “eternizar informações”, e estas se tornam memórias. Essas memórias seguem “vivas” enquanto a obra for lida, ou circular, como dizemos. Assim, a existência, o ato de ler, e a preservação das obras em casa, bibliotecas, casas de memórias, ou qualquer outra forma ou espaço, promove um status à obra de “lugar de memória”, tal como nos diz Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, noticiar atas, porque essas operações não são naturais<sup>7</sup>.

Nesse sentido, entendemos que o livro cumpre esse papel de ser um “lugar de memória”, um arquivo de informações que foi escrito com essa finalidade, guardar, para a posteridade, datas, nomes, acontecimentos e locais relevantes para a cidade, seguindo a cronologia do calendário diário entre o dia 01 de janeiro e 31 de dezembro. Esse depositário de informações, além da possibilidade de conhecer o passado, também nos permite indagá-lo como arquivo, pois assim ele se coloca, uma vez que apresenta informações que foram selecionadas e pesquisadas pelo próprio Nelson Vianna. Quando focamos para discutir como o autor apresentou informações sobre cidade, entendemos que este criou um arquivo que nos possibilita questionar a memória construída sobre a cidade de Montes Claros.

As cidades têm, em sua trajetória, comportamentos e determinações advindos da administração pública que, no decorrer dos anos, podem se tornar facilitadores da vida dos moradores ou complicadores. Uma obra pública que não traz benefícios para a grande maioria da população não tem sentido, quanto a uma lei que determina um comportamento que não beneficia um grande número de moradores, não faz sentido sua promulgação. Cada ato, cada construção, cada lei

---

<sup>7</sup> PIERRE, Nora. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Educ, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, n.10, dez. 1993. P. 13.

são elementos ou ações que, no decorrer do tempo, são passíveis de serem lembrados, ou seja, de serem “chamados” do passado ao presente, pela memória. Nesses termos, acreditamos que a análise de leis, atos, ou mesmo o registro de informações sobre uma cidade, contribui de forma a “ajudar” a população local se portar criticamente perante ações do presente.

Não pretendemos aqui discutir o conceito de cidade tal qual percebemos em algumas obras ou dicionários, que o abordam como uma definição congelada no tempo, ou com uma progressão cronológica retilínea, da antiguidade para a atualidade<sup>8</sup>. Contudo, entendemos que um conceito deve ser pensado e analisado, tal como nos sugere Reinart Koselleck: “Todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível”<sup>9</sup>. Assim, mais importante do que o conceito, neste artigo, será o tempo da produção da narrativa na qual este está descrito, pois, assim, estaremos pensando como aquela informação fará a descrição de um conceito em um determinado tempo.

Nessa busca por entender a cidade, a memória é um elemento crucial, pois fundamentado por ela vamos “transitar no tempo” e analisar informações e narrativas que são evocadas no presente, para definir e construir sentido de pertencimento com os viventes da atualidade. De forma muito breve, entendemos que memória é um conjunto de lembranças que formam o sentido de ser de um local, grupo de pessoas, ou região. Memória e identidade são sentidos de pertencimento que as pessoas expressam das mais variadas formas. Segundo Catroga<sup>10</sup>, discutir memória social a partir de Maurice Halbwachs é entender que a

---

<sup>8</sup> Ao buscarmos leituras que debatam sobre o conceito de cidade, deparamo-nos com definições que a associam a um local “superior ao campo”, e, em outros trabalhos, é apresentada como uma evolução cronológica, apontando a organização técnica dos espaços. Entretanto, mesmo que haja textos que fujam às definições apresentadas acima, e mesmo que os autores tenham apontado a necessidade de repensá-las, como fizeram os autores Kalina Silva e Maciel Silva na obra *Dicionário de Conceitos Históricos*, (SILVA & SILVA, 2017, p. 51), nós discordamos veementemente dessas definições apresentadas por eles, pois acreditamos que um conceito está intimamente ligado às fontes, nas quais estão registradas formas e linguagens expressas por um grupo ou grupos em um determinado processo histórico. Dessa forma, defendemos que o conceito de cidade deva ser definido pelas fontes que foram escolhidas para serem indagadas pelo historiador, associado ao entendimento da mentalidade que circulava no processo histórico em que aquela ou aquelas fontes foram produzidas.

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinart. *História dos conceitos. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. P. 136.

<sup>10</sup> CATROGA, Fernando. *Recordação e esquecimento*. In: *Memória, História e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. P. 15.

memória coletiva é feita de pluralidades conflituosas compartilhadas do social, e que mesmo extintas permitem a continuidade do tempo social, sendo gêneses de novas memórias coletivas. Para Halbwachs, a memória individual cada um lê e expõe a partir do seu lugar social de observação, formando os “quadros sociais de memória”<sup>11</sup>. Assim, neste artigo vamos colocar em análise a escrita a partir de memórias organizadas por Nelson Vianna – memória individual, mas que tornaram-se memória coletiva ao serem lidas e circularem socialmente.

A memória tem a função de ressignificar informações, imagens ou mesmo sobreviver do passado para agir no presente como fonte de debate, informação ou ressignificação. A memória está não somente na linguagem humana que circula, mas também nos textos escritos que descrevem uma época. No caso das fontes aqui analisadas, elas foram pensadas, organizadas, exatamente para se tornarem memória, uma vez que as efemérides são produzidas com o objetivo de “nortear” os leitores quanto aos acontecimentos do passado, tudo isso dando um sentido eleito pelo Nelson Vianna. Dessa forma, a “memória” criada no livro vai ao encontro do que ele – Vianna – entendia como sendo cidade em ou para Montes Claros nos anos de pesquisa escrita e publicação da obra.

Quando nos propomos discutir esse tema, estamos colocando em movimento como a memória sobre acontecimentos em Montes Claros foi registrada e organizada. Esses registros e organizações disseminados promovem nos leitores, em qualquer tempo, um conceito ou sentido de cidade que interfere no presente, quando a população montesclareense na atualidade reproduz ou relembra fatos registrados nesses livros e reafirma ou vai para o polo oposto; questiona ou quer mudar práticas iniciadas ou repetidas desde então.

Outro ponto muito importante neste tipo de pesquisa é entender a relevância que é dada a alguns espaços, quando estes são registrados. Sempre há muitas perguntas: qual o critério dos autores para escolherem o quê e qual espaço registrar nos seus livros? Serão as falas da população vivente o fato relatado? Será a sua escolha suprema, baseado na preferência? Ou o autor é guiado pela fonte? O que

---

<sup>11</sup> CATROGA, Fernando. Recordação e esquecimento. In: Memória, História e Historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. P. 16.

determina que um espaço será registrado em detrimento a outro? Interessante que alguns espaços são mais registrados que outros<sup>12</sup>.

Como o livro é uma espécie de agenda, vamos pensar o tempo nesta obra de três formas. A primeira forma será o tempo de escrita da obra, que já foi contemplado anteriormente. Quanto à segunda forma, pensaremos no tempo em calendário, ou seja, a divisão em meses (de janeiro a dezembro) e os meses divididos em dias (do primeiro dia do mês ao último). Essa divisão confere ao texto uma característica de linha do tempo, uma cronologia retilínea, sequencial, mesmo que as informações mencionadas em cada dia não sejam retilíneas, ou cronológicas. Já a terceira divisão é o tempo sem cronologia retilínea, com datas que foram registradas sem seguir uma sequência, mas sim fazendo menções de acordo com o dia que está sendo informado, dividindo em acontecimentos.

Essa última divisão confere ao texto uma possibilidade de discutirmos: há benefícios em apresentar acontecimentos nessa configuração, sem uma cronologia retilínea? O benefício é a possibilidade de mencionar vários anos e correlacioná-los aos acontecimentos, porém, no nosso entendimento, uma falta de análise dos assuntos citados e/ou um texto introdutório no livro que discuta e explique essa forma de registro compromete o entendimento do leitor quanto à cronologia e não o ajuda a exercitar a crítica, favorecendo um decorar sequencial de informações.

### **Espaços, pavimentação, construção e destruição retratados na obra Efemérides Montesclarenses.**

Ao analisar espaços, pavimentações, construções e destruições, estamos pensando a cidade na sua materialidade. Contudo, o objetivo aqui não é fazer uma

---

<sup>12</sup> Em Montes Claros, percebemos que a Praça Doutor Carlos é o espaço mais registrado em imagens. Essa praça está localizada na região central, e com o passar dos anos foi se formando a sua volta um volumoso comércio, resultando no metro quadrado mais caro da cidade. É o espaço de maior passagem de pessoas por dia, onde temos a principal parada dos coletivos que circulam pela cidade. Em momentos de manifestações sociais, é nessa praça que acontecem as grandes concentrações. Porém, outras praças, também no centro da cidade, não têm a quantidade de registros que a Praça Doutor Carlos, da qual temos um acúmulo de memórias imagéticas.

“narrativa sobre espaços”, mas sim entender como as informações contidas na obra foram produzidas e analisar a produção de memória sobre a história da cidade.

Abaixo vamos apresentar os fatos narrados nos 3 primeiros meses, com destaque sobre os espaços da cidade. Iniciaremos com a análise do dia primeiro de janeiro, em que Nelson Vianna inicia seu livro:

1º de janeiro  
1877- Toma posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Montes Claros o alferes Antônio José Domingues (...).  
1897- Faleceu dona Ana Maria Teixeira (...).  
1898- Sob a presidência do dr. Honorato José Alves (...)<sup>13</sup>

Pelo exemplo, é possível perceber que temos várias informações de acontecimentos ocorridos em anos variados, porém todos que aconteceram no dia primeiro de janeiro. Dessa forma, iremos analisar essa agenda produzida por Vianna nos meses de janeiro a março, salientando tais informações sobre acontecimentos que remetem à cidade de Montes Claros, e perceber, através do lugar social de observação de Nelson Vianna, como esse autor “filtrou” as informações e as organizou.

No dia primeiro de janeiro, no exemplo anterior, temos a posse do cargo do presidente da Câmara em 1877, fato que cristaliza na História Política o nome do Alferes José Antônio Domingues como o presidente da Câmara, o qual foi eleito e empossado contra a sua vontade. Ele ficou por quatro meses no cargo e foi substituído por Justino de Andrade Câmara, após entregar seu pedido de desligamento do cargo<sup>14</sup>. Dois anos depois, houve o comunicado do falecimento de Dona Ana Maria Teixeira, senhora que foi esposa de Silvio Teixeira de Carvalho, ex-presidente da câmara. Por fim, a data em que Honorato Alves deu posse a vários vereadores para o mandato naquele ano.

É interessante pensar que a maioria das informações citadas no dia primeiro de janeiro é de posse na câmara legislativa, sendo 16 datas mencionadas, e destas

---

<sup>13</sup> VIANNA, Nelson W.. Efemérides Montesclarence. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007. P. 11.

<sup>14</sup> PAULA, Hermes Augusto de. Montes Claros sua História sua gente e seus costumes – parte 2 .In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. Coleção Sesquicentenária. Editora Unimontes, 2007. P. 166.

apenas 2 de falecimento de duas mulheres, ambas casadas com homens que ocupavam cargos administrativos de destaque na cidade, e 1 informando sobre a publicação do 1º número do jornal A Tribuna do Norte. Houve, ainda, a primeira notícia sobre a criação da Associação dos Contabilistas na cidade. Assim, a forma como Vianna narrou os fatos gera no leitor a percepção de que o dia primeiro de janeiro historicamente é um dia voltado à agenda política da cidade, senão em todos os anos, sendo o único fato importante para Vianna nessa data o início dos trabalhos da Câmara Municipal e, principalmente, a posse dos vereadores.

Na análise que fizemos acima, apresentamos o dia primeiro de janeiro. O autor mencionou algumas pessoas, porém, nosso foco, neste artigo, é analisar como a cidade foi descrita, narrada, apresentada. Para tanto, selecionamos a partir da leitura da obra, alguns termos, tais como espaços, pavimentação, construção e destruição, pois percebemos serem estes os termos que o autor Vianna associou para definir Montes Claros enquanto cidade.

Como já mencionamos anteriormente, entendemos que debater um conceito é remeter à fonte e, a partir desta, deixar fluir as informações contidas ali, construindo um sentido coerente com a fonte para explicar a palavra que naquele momento se faz como um conceito. Logo, iremos salientar trechos da obra que mencionam situações ou ações que o autor escreveu e que classificamos, para assim entendermos que memória de cidade existe nessa obra. Para facilitar o entendimento e não tornar a leitura cansativa, organizamos esses trechos em tabelas, que seguem:

#### Janeiro

Data	Descrição	Palavra
1919	Presidente da Câmara Municipal de Montes Claros autoriza vender hasta pública por: 8:000\$000.	Projeto de Lei
1909	É criado o Grupo Escolar da cidade, que tomaria o nome de Gonçalves Chaves.	Projeto de Lei
1950	O clube de caça e pesca Egídio Prates é fundado em 22 de junho de 1948.	Construção

1926	Iniciados os serviços de captação de água potável para o abastecimento da cidade de Montes Claros Spyer & Cia.	Construção
1947	É inaugurado um novo prédio da Santa Casa da Caridade em Montes Claros.	Construção
1948	No Aeroporto de Montes Claros, importantes obras são realizadas para o aperfeiçoamento, tais como aumento da pista para 1.500 metros e melhoramento da terraplenagem.	Construção
1885	O Correio do Norte data a notícia que será aberta uma nova rua, da ponte nova hoje cel. Celestino, a fim de dar acesso à ponte sobre o Rio Vieira, construída por Camilo Luiz de Carvalho.	Construção
1917	Pela Lei n. 298, o município de Montes Claros é autorizado a mandar construir um pontilhão sobre a barroca de Jenipapo.	Construção
1833	É inaugurada a agência dos correios da Vila de Montes Claros de Formigas.	Construção
1917	Às 8 horas da noite é inaugurada a luz elétrica proveniente da cachoeira do Cedro na cidade de Montes Claros.	Construção
1926	O presidente da Câmara Municipal é autorizado a mandar proceder aos estudos definitivos da distribuição de água na cidade.	Lei n.609
1947	É inaugurado o grupo escolar Dr. Carlos Versiani, rua Belo Horizonte em Montes Claros.	Construção
1961	Realiza a fundação oficial do conservatório Lorenzo Fernandez no salão nobre da Associação Comercial de Montes Claros.	Construção
1959	Gazeta do Norte data notícia que, com a presença do Dr. Rubens Carvalhais de Paiva, advogado da Cemig, foi lavrada então a propriedade de terreno no bairro Dr. João Alves, na cidade de Montes Claros, destinado à construção de subestação para distribuição da energia de Três Marias e abrange todo o quarteirão.	Construção

#### Fevereiro

Data	Descrição	Palavra
1936	Inauguração do chafariz público nos fundos do Mercado Municipal na antiga praça cel. Costa, hoje desaparecida.	Construção

1880	É instalada no prédio de n.46 na rua Justino Câmara, esquina de José de Alencar, a Escola Normal de Montes Claros, criada a 21 de março de 1879.	Construção
1879	O advogado Justino de Andrade na câmara, foi decisivo na formação da planta urbanística local, o alinhamento das ruas, a criação de uma praça e consequente aformoseamento da cidade, que futuramente viria a ser a praça doutor Carlos (Em continuação da desta, iam construindo-se casebres, tomando conta do largo da caridade, quais foram sumariamente desapropriados e demolidos para se formar hoje a denominada praça Dr. Carlos).	Construção
1939	Gazeta do Norte anuncia que ficaram prontos os trabalhos do Aeroporto de Montes Claros. A primeira pista, de mil metros, foi inaugurada em 18 dezembro pelo governador Benedito Valadares em 1938.	Construção
1839	Em sessão extraordinária da Câmara Municipal, é desguiado o matadouro público e respectivo curral da Vila de Montes Claros de Formigas, que ficava localizado acima da fôrca (sic.), no centro atual rua Governador Valadares em frente ao prédio 66, que foi construído muitos anos depois pelo guarda mor João Batista Corrêa Machado.	Construção
1944	É realizada a primeira ligação da central elétrica de Santa Marta na cidade de Montes Claros.	Construção
1941	São desenterrados os restos dos troncos da fôrca (sic.), pela prefeitura de Montes Claros nesta cidade na rua Governador Valadares, em que se cumpria a pena máxima da época na então Vila de Montes Claros de Formigas. A fôrca (sic.) ficava precisamente em frente ao atual prédio de n.66, foi serrada junto ao chão após a abolição da pena de morte, ficando apenas seus troncos.	Construção
1957	Inaugura-se a ponte e concreto armado Bias Fortes, sobre o Rio Vieira na rodovia Montes Claros Maria da Cruz, com várias solenidades.	Construção
1936	Inaugurado o chafariz da praça Dr. Chaves em Montes Claros.	Construção
1938	É inaugurado na cidade Montes Claros o serviço de telefones automáticos, empresa telefônica montesclareense e sua sede acha-se localizada na praça Dr. Chaves n.18, primeira ligação foi realizada pelo prefeito municipal. Dr. Antônio de Carvalho	Construção
1843	A câmara municipal de Montes Claros de Formigas determina que se conserte a estrada para a Lagoa do Boi a fim de que o padre mestre Espindola pudesse passar.	Construção

1908	É apresentado um projeto de desapropriação da chamada chácara do Dr. Carlos, ao sul da cidade pertencente aos herdeiros do Dr. Carlos Versiani, tendo como justificativa a posição dos terrenos que ficaria interceptado o prolongamento de três das principais artérias citadinas. Projeto foi aprovado.	Destruição
1928	São criadas sete escolas rurais mistas no município de Montes Claros, localizadas nos povoados de: Campo Grande, São Geraldo, da Vieira, Pinheiro, Mato Verde, da Serra dos Fonseca, Antônio Olintho, Rebentão dos Ferros de Retiro.	Decreto n.8.266
1961	Iniciam-se as obras de construção e terraplanagem e asfaltamento a fim de permitir a aterrissagem de aviões de grande porte inclusive a jato.	Construção
1931	Inaugurada às 13 horas a grande ponte sobre o Rio Verde na estrada de Montes Claros / Salinas.	Construção
1957	É iniciada a construção da avenida que ligará a cidade de Montes Claros ao bairro Alto São João.	Construção
1948	É inaugurada a Capela dos Morrinhos, construída através de esmolas do povo por iniciativa de dona Germana Maria de Olinda, começada em 1884 e inaugurada em 14 de setembro de 1886, estava em ruínas e foi restaurada	Construção
1958	Inaugura-se o grupo escolar Simeão Ribeiro dos Santos, no bairro Roxo Verde em Montes Claros	Construção
1959	Essa lei municipal autoriza a abertura de concorrência pública para a construção e exploração de uma Estação Rodoviária na cidade Montes Claros.	Lei nº429

### Março

Data	Descrição	Palavra
1961	Inicia-se o calçamento da Praça da Estação da central do Brasil, em Montes Claros colocadas as primeiras lajotas.	Construção
1925	Pela Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, são remetidos ao município de Montes Claros a planta e o orçamento do edifício do grupo escolar Gonçalves Chaves a ser construído na cidade.	Construção
1937	Iniciam-se as obras da construção do Jardim Benedito Valadares, na praça Dr. Chaves em Montes Claros.	Construção

1959	Lei municipal n.422 denomina de Praça Pio XII a praça em frente à catedral na cidade de Montes Claros.	Lei municipal
1885	Correio do Norte desta data que foram iniciadas no Rio Vieira as obras da canalização de água e abastecimento de Montes Claros.	Construção
1961	Instala-se o Ginásio Montes Claros que se destina especialmente a servir os filhos dos ferroviários desta cidade.	Construção
1889	Na Câmara Municipal de Montes Claros é aprovada a proposta do vereador Alberto Cassimiro de Azevedo Pereira, hasta pública os serviços de canalização de água potável para esta cidade, de conformidade com a Lei provincial n.3.560, 1 de setembro de 1888.	Construção
1897	A administração da construção do mercado municipal desta cidade, percebendo o referido encarregado pelos seus serviços, 10% sobre a quantia despendida, a começar da data da assinatura do contrato até a conclusão da obra, 16 de novembro de 1897 a construção desabou parte. O mercado público situado na praça Dr. Carlos, inaugurado a 3 de setembro de Montes Claros.	Construção
1924	É inaugurado o lastro da E.F Central do Brasil, na estação de Bocaiuva, no Ramal de Montes Claros.	Construção
1939	Os serviços para a conclusão da ponte sobre o Rio Vieira, na estrada da cidade de Montes Claros para o Cedro.	Construção
1953	n.205 fica denominada rua Engenheiro Raio Christoff a antiga Rua São Lamberto, na cidade de Montes Claros.	Lei Municipal
1947	Inaugura-se às 15 horas o edifício dos Correios e Telégrafos de Montes Claros, situado na praça Dr. Chaves.	Construção
1954	n.426 fica denominada de Travessa Cônego Marcos a via pública existente entre a rua Afonso Pena e a Avenida Cel. Prates no prolongamento da rua Pedro Segundo, na cidade de Montes Claros.	Lei Municipal
1941	Inaugurado um moderno gabinete cirúrgico-dentário do serviço de assistência dentária escolar, no centro de saúde de Montes Claros, para as crianças pobres dos grupos escolares da cidade.	Construção
1928	Inaugura-se o Ginásio Municipal de Montes Claros à avenida Cel. Prates.	Construção

1939	São iniciados os serviços de construção da Praça de Esportes, no Prado Oswaldo Cruz em Montes Claros.	Construção
1939	É iniciado pela Prefeitura Municipal de Montes Claros o serviço de esgoto da cidade.	Construção
1885	Inaugura-se o primeiro engenho de cilindros de ferro para cana, movido a água no município de Montes Claros.	Construção
1959	Lei que delimita a zona comercial da cidade de Montes Claros estabelece normas de abertura de ruas e alinhamentos de construções.	Lei nº432

Para facilitar nossa análise, utilizaremos o recurso de uma tabela, que permite visualizar os números dos assuntos citados pelo livro nos três meses analisados:

Meses	Janeiro	Fevereiro	Março
Inscrições	16	19	18
Construções	12	17	13
Espaços	01	00	00
Projeto de Lei	02	00	00
Lei	01	02	05
Demolição	00	01	00

Chama bastante atenção o fato de que o tema “construção” foi o assunto mais informado nos três primeiros meses analisados, o que nos leva a crer que, para o autor, a ideia de mudança, melhora ou modernização era significativa. Em pesquisa anterior a esta (RODRIGUES, 1999), apuramos que no início da década de 1960, com a chegada dos incentivos da SUDENE, a região central da cidade de Montes Claros sofreu uma grande transformação, com a demolição de casas antigas e a abertura de ruas amplas para a época. Assim o binômio construção/demolição foi uma realidade vivida pelos moradores daquela época e, conseqüentemente, vividas também pelo Nelson Vianna. É possível constatar que foi dada mais ênfase às construções em relação às demolições, de acordo com as nossas contagens, o que reflete uma associação por parte do autor com os

acontecimentos do momento, de muita construção com o ideal de cidade que se queria.

Outro ponto importante é trazer a reflexão de que as pessoas são pouco citadas na obra, e, quando são, compõem uma maioria de homens da elite. Seguindo nossa análise, percebemos que a maioria das informações mencionadas ainda estão em uso, ou existem, mesmo com 60 anos de distância da publicação desse texto para o presente, ainda percebemos espaços, leis e usos mencionados no texto em vigor. A forma como as informações circulam as memórias da cidade contribuem para esse tipo de ação. A população não se manifesta, não é problema de “ninguém”, os interesses particulares sobressaem aos bens culturais e sociais, a memória histórica não importa.

Esse tipo de texto, que apenas informa, não gera sentido de pertencimento no leitor, no máximo conhecimento sobre a informação. No ano de 2023, em janeiro, foi demolido um prédio antigo construído no entorno da Praça Coronel Ribeiro, esse prédio durante décadas abrigou o Hotel São José, depois funcionou como espaço de prática de ensino do curso de Turismo que havia em uma faculdade particular da cidade. A demolição desse prédio deu-se de forma “obscura”, foram poucas as notícias publicadas pela imprensa escrita, muitos boatos circularam, mas nenhuma manifestação popular em prol da não derrubada. Entendemos que essa falta de empatia com o patrimônio local está associada ao conhecimento do passado por meio de textos com características positivistas. Isso distancia o leitor de uma prática de análises e questionamentos, assim, quando ocorre um fato como a destruição de um prédio antigo, a população fica inerte.

### **Memória em arquivos: Documentos na Secretaria de Cultura**

Na Secretaria de Cultura de Montes Claros, há um arquivo contendo recortes de jornais sobre “personalidades” de Montes Claros, entre estes foram localizados alguns recortes escritos sobre Nelson Vianna. São artigos publicados em jornais variados e em tempos também variados. Serão apresentados aqui alguns trechos de artigos que consideramos interessantes, e ao final haverá uma análise desse material como memória sobre Nelson Vianna.

Contudo, antes de iniciar a análise, é importante ambientar estes “achados”. Os recortes de jornais estão organizados em pastas de plástico e depois foram escaneados em arquivos de PDF (Portable Document Format). Primeiro ponto importante é que o autor dos recortes de jornais é João Valle Maurício, que foi escritor e ocupou vários cargos de relevância social na cidade de Montes Claros. O que significa registrar sobre a vida e obra de Vianna no Jornal de Notícia? Dar “validade” ao texto de escritor para escritor? Para responder tais questões, é preciso salientar que é um memorialista escrevendo sobre outro memorialista, perpetuando a memória, vários anos depois, e reafirmando a que foi produzida por Vianna. Agora, este também se tornou um elemento de memória, ganhou um sentido de “guardião” do passado que precisa ser rememorado e referenciado, segundo as palavras de Maurício no texto.

Os recortes contam sobre a personalidade de Vianna. É interessante observar que, sempre que alguém escreveu sobre ele, sobressaiam as informações de que era “sistemático e econômico”, mas também muito caridoso e brincalhão. Em um dos recortes, há a narrativa de um fato que o senhor Nelson Vianna fez com o dono da farmácia, o senhor Dr. Plínio Ribeiro (em um jornal sem data) e comandada pelo farmacêutico Nelson Versiani de Castro. Na ocasião registrada, o farmacêutico comprou um chapéu e o deixava exposto em um cabide próprio para essa finalidade, já Nelson Vianna comprou um chapéu parecido, porém dois números menores. Durante três dias, Vianna trocou o chapéu do dono da farmácia pelo que ele havia comprado, o que causava estranhamento no farmacêutico que não entendia o motivo daquele chapéu no decorrer do dia ficar pequeno e depois voltar a servi-lo. O incômodo foi tanto que o farmacêutico procurou um médico na tentativa de saber qual doença lhe acometia. Sem o médico nada encontrar, depois de alguns dias, Vianna revelou sua brincadeira para alívio do farmacêutico.

Tal narrativa pode parecer infantil, mas, quando estamos em busca de entender a trajetória e mentalidade de um escritor, toda e qualquer informação é significativa, e, nesse caso, a narrativa sobre um cotidiano aparentemente inocente revela um homem irreverente e astuto, capaz de mexer com o psicológico dos seus contemporâneos. Nas palavras de João Valle Maurício:

Com todo respeito a todos os escritores de nossa terra, que são bons e são muitos, posso afirmar, com segurança, que o mais precioso livro que temos é o “Efemérides de Montes Claros”, de autoria de Dr. Nelson. Efemérides é um livro fantástico, é um trabalho de gigante obstinado. Uma pesquisa de grande fôlego, por longos anos, uma mostra eloquente da enorme capacidade de um homem caladão e alheio de muitas manias.

Em Efemérides, ele conta, com minúcias e com toda seriedade, as ocorrências mais importantes aqui em Montes Claros no período que vai de 1707 a 1962, começando por 1º de janeiro e indo a 31 de dezembro de cada ano. Portanto, 255 anos. Estou seguro de que a Academia Montesclareense de Letras, a Secretaria Municipal de Cultura, o curso de História, da FAFIL, a imprensa e até os clubes de serviços deveriam se unir, com divisões de tarefas para dar continuidade ao livro das efemérides montesclarenses, partindo do ano que parou o Dr. Nelson Vianna.” (Memórias, João Valle Maurício. Largo da Matriz – Nelson Vianna.<sup>15</sup>

Essa proposta de Vale Maurício de “dar continuidade” ao texto de Vianna reforça o sentido de que este é um memorialista “importante da cidade”. São várias instituições e segmentos citados por Maurício, dando a impressão de um vazio que precisa ser preenchido, a partir da obra aqui em questão.

Outro memorialista que escreveu sobre Vianna foi Haroldo Lívio. Encontramos nos recortes da Secretaria Municipal de Cultura vários fragmentos de jornais sobre a vida e obra de Nelson Vianna, os quais são os originais publicados em partes. Depois, vieram a ser publicados todos juntos no livro Nelson: o personagem (2007), de autoria de Haroldo Lívio.

Pensar Nelson Vianna como memorialista é analisar como a trajetória de Vianna foi marcada por muitos acontecimentos pitorescos que foram registrados por ele, dando um sentido de pertencimento com os modos de vida da cidade de Montes Claros. Mesmo que os autores que escreveram sobre ele salientem sua personalidade “distinta”, é notório nas suas obras um sentido de pertencimento, um sentimento de identidade com o jeito sertanejo de ser dos moradores do Norte de Minas, mais especificamente com Montes Claros. Outro ponto importante é seu estilo de escrita, um estilo único, que partia do presente da escrita para o passado, proporcionando um ir e vir no tempo, o que neste ponto o faz um historiador.

---

<sup>15</sup> Jornal de Notícias – 02/10/1989. s / página)

Contudo, pela falta de fontes e um método específico, seu texto o faz um memorialista, o que não é demérito, mas sim um estilo de escrita recorrente naquele processo histórico em que ele escrevia, e também um traço interessante em sua personalidade, uma vez que sua profissão e formação estavam longe de ser um historiador.

### **Considerações finais**

É inegável a relevância da obra de Nelson Vianna para entendermos o passado de Montes Claros. Entretanto, Efemérides, mesmo sendo um texto com características “positivistas” (apenas datas, citação de nomes de pessoas da elite de Montes Claros e acontecimentos), permite-nos adentrar nos sentidos e mentalidade de Montes Claros nos anos 1960 do século XX, pois essa obra traduz o olhar e a necessidade de registrar o passado, que estava se perdendo naqueles anos, em função dos impactos causados pela implantação dos incentivos da SUDENE.

Entender o texto que foi produzido por um memorialista que circulava pelos ambientes sociais e espaços geográficos distintos em Montes Claros, no processo histórico de comemoração e busca por um reconhecimento de cidade, concede a Nelson Vianna uma aura de intelectual do período com características de centralizador, mediador e realizador de obras para a cidade. Concede, também, às suas obras uma característica de memória progressista, que mesmo remetendo ao passado e informando o campo, fazia prospecção para o futuro, a cidade progressista e pulsante que o momento queria. No decorrer da década de 1960, segundo Marcos Fabio Martins, a cidade sofreu um crescimento da urbanização de 40,66% (1960) para 73,10% (1970)<sup>16</sup> e aconteceu um declínio das atividades agrícolas de 66,80% em 1960 para 33,74% em 1970<sup>17</sup>.

Isso significa que, com os incentivos da SUDENE, a cidade deu um salto significativo e rápido na produção e circulação de mercadorias industriais e conseqüentemente impactava nos modos de vida que aceleraram de forma rápida

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins de. & RODRIGUES, Luciene . ( Organizadores). Formação Social e Econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Ed. UNIMONTES, 2000. P. 60

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins de. & RODRIGUES, Luciene . ( Organizadores). Formação Social e Econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Ed. UNIMONTES, 2000. P. 64.

do campo para a cidade. Quando retornamos ao texto de Nelson Vianna, para analisar a escrita e publicação dessa obra nesse processo histórico, fica fácil entender a sua necessidade de reter neste processo de aceleração de modos de vida as narrativas e informações sobre o passado, aquele “momento de evocar o passado enquanto tempos como lembrá-lo”.

Logo, é um texto que não podemos deixar que pare de circular, temos que indagá-lo com as perguntas coerentes ao nosso presente, de forma que nos ajude a entender o agora. Esperamos que as nossas indagações tenham despertado em quem visitar este trabalho questões sobre o passado, e a necessidade de entender o presente.

## Referências

CATROGA, Fernando. Recordação e esquecimento. In: **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins de. & RODRIGUES, Luciene. (Organizadores). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Ed. UNIMONTES, 2000.

PAULA, Hermes Augusto de. Montes Claros sua História sua gente e seus costumes – parte 2. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. **Coleção Sesquicentenária**. Editora Unimontes, 2007.

PIERRE, Nora. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Educ, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, n.10, dez. 1993

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. Evolução social e transformações urbanas provocadas sem preservação patrimonial. In: **XX Simpósio Nacional de História – Fronteiras**, 1999, Florianópolis. Anais do XX Simpósio Nacional de História. Florianópolis: ANPUH, 1999. V. 01. P. 683

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2017.

VIANNA, Nelson W.. **Efemérides Montesclarence**. In: LEITE, Marta Verônica Vasconcelos. **Coleção Sesquicentenária**. Editora Unimontes, 2007.

Recebido em 15/09/2023

**243**

**Aprovado em 30/01/2024**